FREI DAMIÃO: o Ethos Discursivo na Literatura de Cordel.

Frei Damião: the Discursive Ethos in Cordel Literature.

Marcio de Lima Pacheco[1]
Francisco de Assis Costa da Silva[2]
Edilene Leite Alves[3]

RESUMO

O objetivo do presente artigo visa investigar o *ethos* discursivo da figura do Frei Damião na literatura de cordel. O Ethos Discursivo é a "caracterização do corpo do enunciador" construído no discurso, (Maingueneau, 2006, p.61) O ethos recobre não apenas a dimensão verbal, mas também um conjunto de características psíquicas e físicas que se associam a um fiador, o qual se revela por meio de um tom, atestando o que diz. O fiador, desse modo, recebe um caráter e uma corporalidade que variarão conforme a constituição dos textos, a cena de fala criada. Enquanto "o caráter corresponde a um feixe de traços psicológicos, a corporalidade está ligada a uma "compleição física e a uma forma de vestir. O *corpus* é constituído pelos cordéis de Borges, a quem estudamos (2007, s/d), Cavalcante (1976), Silva (1997), Soares (1981) e Mota (1980).

Palavras Chave: Frei Damião; Ethos discursivo; Cordel;

---

[1] Pós-Doutorado em Letras Discurso (UERN)/ Doutor em Filosofia/Metafísica (PUC-SP)/ Mestre em Filosofia/Metafísica (UFRN)/ Avaliador do INEP/MEC para os Cursos de Filosofia e Teologia/ / Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela (FASA)/ Licenciado em Filosofia (UERN)/ Bacharel em Teologia Faculdade Católica Dehoniana.. Professor Adjunto do Mestrado e da Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Rondônia E-mail: ppachecus@hotmail.com

[2] Doutor em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana di Roma (2007). Mestre em Teologia Fundamental pela Pontificia Università Gregoriana di Roma (2004). Possui graduação em Filosofia pela Faculdade Eclesiástica de Filosofia João Paulo II (1993), em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997), graduação em Letras Clássicas: Português-Latim-Literaturas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1998), Professor Adjunto do Mestrado e da Graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: diretor@cdscaico.com.br

[3] Graduada em Letras Português pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN. E-mail: eddileite@gmail.com

ABSTRACT

The aim of this article is to investigate the discursive ethos of the figure of Frei Damião in string literature. The Discursive Ethos is the "characterization of the enunciator's body" constructed in the speech, (Maingueneau, 2006, p.61) The ethos covers not only the verbal dimension, but also a set of psychic and physical characteristics that are associated with a guarantor, which reveals itself through a tone, attesting to what it says. The guarantor, in this way, receives a character and a corporeality that will vary according to the constitution of the texts, the created speech scene. While "character corresponds to a bundle of psychological traits, corporeality is linked to a" physique and a way of dressing. The corpus is made up of the Borges cordels, whom we studied (2007, s / d), Cavalcante (1976), Silva (1997), Soares (1981) and Mota (1980).

Keywords: Frei Damião; Dircursive Ethos; Cordel.

INTRODUÇÃO

A noção de *ethos* discursivo tem sido objeto de reflexão de diferentes pesquisas que estudam a imagem do enunciador produzida no discurso. Tal noção possibilita a realização de estudos no campo da inter-relação entre a linguagem, a literatura e a dimensão sociocultural.

A noção de *ethos* discursivo está ligada a um discurso que produz uma imagem. Essa imagem, conforme Dominique Maigueneau (2005, 2008, 2014), é fruto de uma construção no discurso em suas múltiplas relações com o outro (sujeitos e discursos) e emerge na articulação entre variados elementos (verbais e não verbais, éticos e estéticos etc.), os quais necessitam da incorporação do interlocutor para apreendê-la em um conjunto complexo de representações sociais e culturais. Ou seja, a imagem que o público tem do orador antes de falar está diretamente ligada à eficácia da apresentação de si mesmo que ele construirá durante o intercâmbio. A capacidade do falante de refazer seu *ethos* anterior é, portanto, fundamental.

É importante notar que o *ethos* discursivo, embora se diferencie da tradição retórica, por exemplo da retórica latina (Cícero, Quintiliano), não deixa de concordar com três ideias básicas do *ethos* aristotélico, na qual o *ethos* é: a) uma noção discursiva, isto é, constitui-se por meio do discurso, não sendo, portanto, uma "imagem do locutor exterior à fala", (b) um "processo *interativo* de influência sobre o outro" e (c) uma noção "[…] *híbrida* (sócio-discursiva), tem um comportamento socialmente avaliado, que não deve ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa", própria de uma conjuntura histórico-social (MAINGUENEAU, 2006, p. 60).

Dentro da ótica da Análise do Discurso, os discursos são veiculados através de diversos gêneros, favorecendo investigações das mais diversas naturezas que envolvem a linguagem, seja na esfera do texto verbal ou do texto não-verbal. Toda manifestação da linguagem, de alguma forma, está articulada a um determinado meio de comunicação, através dos mais diversos gêneros textuais ou literários. Desta forma, é possível estudar os mais variados discursos que compõem o mundo da linguagem, seja através da língua, da cultura ou da literatura.

Entre esses estudos, destacamos o campo da literatura de cordel, que constituem um vasto terreno para análise, diante das figuras sócio-históricas que fazem parte da cultura nordestina religiosa, como o Frei Damião de Bonzano que representa, uma personalidade significativa para os cristãos católicos nordestinos, movidos pela fé no beato andarilho.

Nessa linha de pensamento a literatura de cordel absorve muitas figuras representativas da cultura sertaneja nordestina religiosa, cultural, social que, de algum modo, se configuraram como sujeitos reconhecidamente imortais pelo verso e pela poesia cordelista, entre eles, três figuras relevantes se destacam; o Padre Cícero Romão, o cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião, e o Frei Damião, o beato andarilho (COSTA, 1998). Desse modo,

> Frei Damião é a terceira figura de relevo de preferência dos poetas populares e também dos leitores dos folhetos de cordéis. Perdendo somente para Lampião, o Rei do Cangaço, e o Padre Cícero Romão, que tiveram uma incalculável tiragem de folhetos (COSTA, 1998, p. 17).

A produção cordelística constam várias obras dedicadas a figura do Padre Cícero Romão e do Frei Damião. Sobre este último, destacam-se os cordéis produzidos por Borges (s/d; 2007)), Silva (s/d), Soares (1981), Cavalcante (1976) e Mota (1980).

Como mais uma manifestação da linguagem, sob o viés literário, o discurso poético-literário, através do cordel, pode nos servir não só de informação, mas também como forma de persuadir o outro de diferentes formas, desde o seu comportamento, costumes, opiniões, e outros fatores que possibilitem a construção de novos discursos. É preciso lembrar que o poema, ao ser construído e colocado no seio da sociedade, possui diversas funções que vão além do simples processo de comunicação, como a emoção, o convencimento, o encantamento, somente proporcionados pela linguagem literária.

Dentro desse contexto, o objetivo do presente artigo é investigar e refletir sobre o *ethos* discursivo da figura de Frei Damião presente na literatura de cordel. Diante disso, o estudo é orientado pelo questionamento: qual o *ethos* da figura do personagem Frei Damiãre.Não procuraremos nos debruçar sob – e não do indivíduo histórico, o missionário e sacerdote católico Damião de Bozzano, mais conhecido como *Frei Damião* – emerge da literatura de cordel?

Como salienta Costa (1998) a produção, no campo da literatura de cordel em torno da figura do Frei Damião é muito vasta. Apenas um estudo científico dessa natureza, não daria conta de analisar tamanha produção. Por isso, optamos por um *corpus* composto por poucos cordéis, mas capazes de nos oferecer uma dimensão necessária para compreender a construção do *ethos* do referido personagem dentro da literatura de cordel. Assim, para esta análise nos subsidiaremos nos cordéis escritos por:

Borges (2007, s/d), Cavalcante (1976), Silva (1997), Soares (1981) e Mota (1980). A noção de *ehtos* será com base nas ideias defendidas por Maingueneau (2008a, 2008b, 2013, 2016, 1997), bem como as reflexões tecidas acerca do pensamento de Cavignac (2006), Potier (2012) e Coutinho (1978).

Desse modo, partimos do princípio de que o *ethos*, na literatura de cordel, representa a imagem do personagem que emerge dessa construção poética. É possível saber, ao certo, o que o poeta cordelista ou o cidadão, em sua singularidade, que escreveu os versos poéticos pensa ou endossa sobre o personagem histórico, como veremos na figura de Frei Damião. É preciso entender, através do estudo e da análise, o que o cordel constrói da figura dentro do poema, através do discurso, que vá além da conhecida figura histórica de Frei Damião.

Dentro desse contexto, notamos uma certa exaltação poética, heroica e mitológica do Frei Damião, muitas vezes apresentado, principalmente, na região nordeste do Brasil, como uma figura poética e religiosa, um missionário cristão, capaz de realizar milagres, digno de uma devoção popular. Frei Damião se consagra por sua trajetória religiosa enquanto missionário andante, defensores dos mais pobres e oprimidos, como podemos observar nos versos apresentados logo abaixo:

> É assim: Frei Damião
> Simples, humilde e bondoso
> No Nordeste, onde ele passa
> Tem sido até milagroso
> Tornou-se a maior figura.
> (MOTA, 1980, p. 5).

Desse modo, dividimos nosso estudo em três partes: a) *Ethos* discursivo, a partir da teoria desenvolvida por Maingueneau, procurando ver como se apresenta o conceito e a aplicação da categoria de *ethos* ao texto, considerando o cordel e sua relação com a oralidade; b) Literatura de cordel, em que procuramos ver , de forma introdutória, a origem, o conceito de literatura de cordel

e sua influência no nordeste e em outras regiões do Brasil e c) a análise do *corpus*, considerando a teoria de Maingueneau sobre o *ethos*, aplicando à figura do Frei Damião pressente na literatura de cordel. Por fim, a título de conclusão, enfatizamos o reconhecimento do nosso estudo como forma pensar e refletir sobre o cordel e sua relação com o imaginário popular, entendendo a relação da figura simbólica de Frei Damião e a literatura de cordel.

Ethos discursivo

O *ethos* é uma categoria de pesquisa que, desde o mundo antigo, tem contribuído para o aperfeiçoamento dos debates na filosofia, na ética, nos estudos da linguagem e em outras áreas do saber (QUELQUEJEU, 1983). Amossy (2016, p. 221), afirma que na sociedade contemporânea existe um grande interesse e até mesmo um retorno dos estudos em torno do *ethos*. Esse interesse é representado, por exemplo, pelo quadro figurativo de Benveniste (1988,1989), pelos trabalhados de Kerbrat-Orecchioni (1980) sobre a subjetividade na linguagem, pela noção de *apresentação de si* de Goffman (1959), pelas investigações, no campo da literatura pragmática, de Brown e Levinson (1987).

Dominique Maingueneau (2008b, p. 11) observa que tanto nos estudos da linguagem como também nas ciências humanas existe um interesse crescente pelo *ethos*. Para ele, esse interesse "está ligado a uma evolução das condições de exercício da palavra publicamente proferida, particularmente com a pressão das mídias audiovisuais e da publicidade". Ainda para o Linguista Francês (2013, p. 110), contemporaneamente, não se pode ver o *ethos* apenas como um "estilo de vida", da forma como os gregos antigos pensavam. Para ele, existe uma série de fatores, no atual modelo societário, que limitam o *ethos* em sua formulação clássica. Entre esses fatores é possível citar as novas formas e construções do texto, ligadas as mídias e a publicidade, o poder, cada vez maior, da oralidade, em uma sociedade marcada por espaços

sociais fraturados, por uma cultura da exposição individual via mídias.

Nesse ínterim, o *ethos* deve ser percebido como a imagem que emerge de um complexo conjunto formado pela formação das palavras, pelo planejamento e exposição textual, pela recepção do texto junto ao público e muito mais. Assim,

> O *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale. Parece necessário, então, estabelecer uma distinção entre *ethos discursivo* e *ethos pré-discursivo*. [...]. Uma outra série de problemas advém do fato de que, na elaboração do *ethos*, interagem fenômenos de ordens muito diversas: os índices sobre os quais se apoia o interprete vão desde a escolha do registro da língua e das palavras até o planejamento textual, passando pelo ritmo e a modalidade. O *ethos* se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do interprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente (MAINGUENEAU, 2008b, p. 15-16).

Assim, o autor Professor da Sorbonne tenciona construir um discurso positivo, bem elaborado que passa para o auditório uma imagem positiva proporcionada por esse discurso. Essa imagem ou a *imagem do discurso* – e não o discurso em si – é o que constituiu o *ethos*. Nesse caso, o sujeito falante, dentro da relação entre o texto e a oralidade, necessita de *imagem do discurso* para poder construir algum tipo de interação (confiança ou desconfiança, aprovação ou desaprovação, etc) com o texto e, principalmente, com o conteúdo informacional que emana do texto. Sobre essa questão, Maingueneau ressalta:

> A prova pelo *ethos* consiste em causar uma boa impressão por meio do modo como se constrói o discurso, em dar de si uma imagem capaz de convencer o auditório ao ganhar sua confiança. O destinatário deve assim atribuir certas

> propriedades à instância apresentada [...]. (MAINGUENEAU, (2016, p. 267).

O *ethos,* por conseguinte, é o responsável pela construção de uma figura, de um personagem relevante dentro do texto, no caso em pauta, a figura de Frei Damião na literatura de cordel. A partir dessa imagem, dessa representação imagética-textual, é que a figura ganha *autonomia* dentro do imaginário social, fazendo com que seja (re) conhecida por determinadas características e/ou ações. Para Maingueneau:

> [...] o discurso é inseparável daquilo que poderíamos designar muito grosseiramente de uma "voz". Esta era, aliás, uma dimensão bem conhecida da retórica antiga que entendia por *ethé* as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, através de sua maneira de dizer: não o que diziam a propósito deles mesmos, mas *o que revelavam pelo próprio modo de se expressarem.* [...]. A eficácia destes "ethé" se origina no fato de que eles atravessam, carregam o conjunto da enunciação sem jamais explicitarem sua função. (MAINGUENEAU, 1997, p. 45)

Isto posto, o *ethos*, então recobre não apenas a dimensão verbal, mas também um conjunto de características psíquicas e físicas que se associam a um fiador, o qual se revela por meio de um tom, atestando o que diz. Esse fiador recebe um caráter e uma corporalidade que variarão conforme a constituição dos textos, a cena de fala criada. Enquanto "o caráter corresponde a um feixe de traços psicológicos", a corporalidade está ligada a uma "compleição física e a uma forma de vestir" (MAIGUENEAU, 2006,p. 62)

É interessante notar que a apresentação de si no discurso, confere autoridade ao locutor. Isso permite, em diferentes graus, a emergência de afinidades e proximidades com determinados indivíduos assim como, por outro, a emergência de distinções e distanciamentos de outros. Essa compreensão da imagem que se constrói no discurso, tanto individual como coletiva, implica em

uma reflexão sobre *ethos* prévio e *ethos* discursivo. O primeiro pressupõe conhecimentos sobre o modo de ser do locutor. Enquanto que o segundo, exige a observação do discurso por meio do qual o locutor projeta uma imagem de si e negocia sua identidade.

Com esse pensamento, ressaltamos que o papel do *ethos* se dá de forma não impositiva, ou seja, é algo originado pelo outro a partir do outro, a respeito do que ele constrói sobre determinado sujeito.

É importante ressaltar que a imagem, a qual a literatura de cordel ajuda a construir de Frei Damião é fruto dos seus discursos (sermões e modo de vida). Pois, o discurso, que circula socialmente, acerca do Capuchinho, oscila entre o missionário piedoso, feitor de milagres, o homem caridoso e a imagem de um religioso radical com um discurso de um cristianismo primitivo, rural e bucólico. Essa imagem, esse *ethos* é constituído, em grande medida, pela literatura de cordel, a partir das pregações e do modo de vida do Frei Italiano.

Vale salientar que o *ethos* não é uma representação pronta e acabada. Ele pode ser articulado, inclusive, pela relação do texto cordelista com a oralidade, a partir dos elementos apresentados no texto: vestimentas, argumentos, posturas, gestos e palavras. Tudo isso, em conjunto, é responsável pela construção de uma imagem sociocultural, na tentativa de auxiliar o interlocutor na construção de uma representação, geralmente positiva, de algum elemento e/ou figura sócio histórica, presente no texto. Em consonância com o exposto, Maingueneau elucida:

> Não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário por meio do próprio movimento da fala do locutor. O *ethos* não age no primeiro plano, mas de forma lateral. Ele implica uma experiência sensível do discurso, mobiliza a afetividade do destinatário. (MAIGUENEAU, 2008, p. 57).

Assim, a construção do *ethos,* como já foi dito, é um conjunto de elementos que o sujeito, presente no texto, possui, de forma que o receptor é tocado de todas as formas pelo locutor, podendo fazer suas próprias atribuições sobre o outro e construir o que compreende como a representação do outro, ou seja, o *ethos* presente no texto. Por essas razões, é que o sujeito faz uma junção de corpo e discurso sobre o outro, construindo relações dentro de suas especificidades sociais e pessoais e permitindo essa elaboração do *ethos* de cada indivíduo. Para Maingueneau:

> A noção de *ethos* permite ainda refletir sobre o processo mais geral de *adesão* dos sujeitos ao ponto de vista defendido por um discurso [...] permite articular corpo e discurso: a instância subjetiva que se manifesta através do discurso não se deixa perceber neste apenas como um estatuto, mas sim como uma voz associada à representação de um "corpo enunciante" historicamente especificado. (MAIGUENEAU, 2016, p. 271).

Como podemos observar, a adesão do sujeito a um discurso não é automática e nem pré-programada. Em grande medida, essa adesão depende dos elementos internos que compõem o texto, de como o enunciado é construído e organizado e como essa organização, interna ao sistema frasal, poderá causar algum grau de impacto no sujeito. Um sujeito que, em muitos sentidos, está relacionado a oralidade, aos sistemas de fala, signos e crenças. É a relação entre o texto, carregado com seus enunciados, o sistema de fala e signos e o sujeito que é possível estabelecer um *ethos* entre o texto e o sujeito. Na negociação da construção da imagem de si, o locutor (o cordelista) se engaja em um diálogo com o que os outros dizem e pensam sobre aquela pessoa que se fala.

Literatura de cordel

A literatura de cordel, no 19 de setembro de 2018, foi reconhecida pelo Conselho Consultivo, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como Patrimônio Cultural Brasileiro (IPHAN, 2018). Esse tipo de literatura é uma das expressões literárias que melhor representam o cotidiano, a história e o povo brasileiro.

Desse modo, a literatura de cordel é um gênero literário que chegou ao Brasil no período da colonização, entre os séculos XVII e XVIII, trazida pelos portugueses. Muitas vezes, serviu como forma de manifesto literário da cultura popular, especificamente, no nordeste brasileiro. Esse gênero desenvolveu peculiaridades próprias no nordeste brasileiro e, atualmente, vive um processo de expansão pelo Brasil e por outros países (EUA, México, França, Itália, etc) como pode ser visto em Abreu (1999).

Conhecidos popularmente como *cordéis*, esses folhetos populares em forma de poema são livros pequenos que geralmente contam, em forma poética, uma história. Muitas vezes, são livros ilustrados com xilogravuras estampadas, principalmente, em suas capas, fazendo uso de temas e acontecimentos populares, através da linguagem impressa, composta de rimas poéticas metrificadas, cuja origem mais remota, são os trovadores medievais. A origem do nome *cordel* se dá pelo fato de, no final do século XIX e início do XX, os pequenos livros contento os poemas eram pendurados, nas feiras livres das cidades do Nordeste brasileiro, em cordas e/ou barbantes para melhor exposição, e vendidos em locais de comércios. Sobre essa questão ressaltamos:

> [...] a Literatura de Cordel assumia função informativa, fazendo o papel de uma imprensa por vezes inacessível às camadas populares. Assim, "homens dispersos no espaço e 'fechados' nas fazendas encontram, ao comprar os folhetos, a oportunidade de saber das últimas novidades

> ou de trocar uma moeda por um pouco de sonho" (POTIER, 2012, p. 19).

Como vemos, no final do século XIX e início do XX, por meio da literatura de cordel as pessoas que viviam na zona rural, muitas vezes, isoladas e não tinham o hábito de frequentar a cidade, buscavam informações através dessa leitura. Além disso, esse gênero literário, durante muito tempo, em meio a imensidão e até mesmo da solidão da zona rural, funcionou como elemento de distração para o cidadão. Assim, o cordel funcionava como uma espécie de grito popular que unia à poesia, os clássicos da literatura universal e a experiência sociocultural, principalmente, a experiência do morador da zona rural do nordeste brasileiro (COUTINHO, 1978).

Nesse sentido, a literatura de cordel continua possibilitando que uma parcela considerável da população, principalmente, a população da zona rural, grupos humanos que vivem semi-isolados no interior do Brasil, possam, ao mesmo tempo, expressar e ter acesso ao patrimônio cultural, aos signos e significados que ajudam a consolidar um discurso de identificação sociocultural.

Esse tipo de literatura narra para o povo o que ocorre no dia-a-dia. Sua intensa força de persuasão o tornou um grande veículo disseminador de ideias. Colocar o poeta popular como cronista da contemporaneidade aproxima a poesia das pessoas, fazendo com que a difícil realidade seja decodificada de uma forma diferente, ainda dura, ainda real, mas que leva as pessoas a refletirem de uma forma mais sutil.

Dentro desse discurso emerge figuras folclóricas, do imaginário social e portadoras de uma mensagem religiosa, destacam-se: o Padre Cícero Romão, Antônio Conselheiro e o Frei Damião. O discurso do sujeito nordestino, muitas vezes, entrecortado por uma mensagem religiosa, é apresentado por Silva (1997, p. 3-4) da seguinte forma:

Entre os deuses que reinaram
no legendário sertão
estão em primeiro plano
o padre Cícero Romão
o legendário Conselheiro
e o nosso frei Damião.

São grandes missionários
que a Deus obedientes
vêm consolida a fé
nos corações mais descrentes
deixando um rastro de luz
clareando nossas mentes.

Através dos versos, Silva (1997), demostra a figura do Frei Damião, percebida pelo povo nordestino, como um *rastro de luz*. Do ponto de vista do *ethos*, uma imagem positiva do religioso católico, um missionário que deve iluminar os corações dos seres humanos. É preciso esclarecer que a literatura de cordel não segue uma religião ou uma doutrina política e filosófica, contudo, devido as suas origens ibéricas, à influência cristã, à forte presença da cultura popular e por estar tão perto do homem simples e comum, existe um forte conteúdo espiritual e religioso dentro dos textos que a compõem.

Nesse pensamento, é possível encontrar na literatura de cordel elementos e princípios religiosos ligados a várias religiões, do espiritismo ao budismo. No entanto, o conteúdo religioso mais presente nesta expressão literária é o cristianismo. Não se pode afirmar que o cordel é cristão, mas seu conteúdo poético-cultural está carregado de elementos da religiosidade popular e da cultura cristã. Por esse motivo, não é nenhum espanto que das três figuras mais citadas, ao longo da história da literatura de cordel, duas sejam sacerdotes católicos, ou seja, o Padre Cícero Romão e o Frei Damião.

Reforçamos o pensamento ainda de que o presente estudo não é uma análise exaustiva da presença de Frei Damião dentro da literatura de cordel, mas trata-se de uma análise

demonstrativa de como é efetivado o *ethos* desse sacerdote católico, enquanto personagem, na literatura de cordel.

A figura de Frei Damião na Literatura de cordel

Para iniciarmos nossa análise, utilizaremos algumas estrofes do cordel: *Os Milagres de Frei Damião*, de José Soares, composto por vinte e duas estrofes com versos em sextilha. Nas estrofes II e III, o poeta nos leva a perceber o *ethos* discursivo da figura do Frei Damião:

> Com seu poder sacrossanto
> dado pela providência
> de um poder infinito
> da divina Oniciencia
> que a santa majestade
> deu-lhe o poder de bondade
> do nosso Deus de clemencia
>
> Assim como jesus Cristo
> transformou água no vinho
> frei Damião também faz
> como fez o meu padrinho
> muitas curas milagrosas
> porque a mão poderosa
> deu poder ao capuchinho
> (SOARES, 1981, p. 11)

Nessas estrofes Frei Damião é apresentado como um enviado de Deus que recebeu poderes capazes de fazer curas e milagres. Essa passagem está presente no primeiro e no terceiro versos da segunda estrofe. Já nos dois últimos versos da segunda estrofe também é possível vislumbrar que ele recebeu poderes divinos, passagem do texto em que o poeta parece reforçar a ideia de confiança no que está expressando pelo seu discurso. Esses fatores contribuem para que ele seja visto como um religioso capaz de operar milagres e de realizar feitos sobrenaturais.

Pensando na construção do ethos, pelo discurso construído no cordel, recorremos a Maingueneau para esclarecer:

> [...] o *ethos* implica uma maneira de se movimentar no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida mediante um comportamento global. O destinatário o identifica com base num conjunto difuso de representações sociais avaliadas de modo positivo ou negativo, de estereótipos que a enunciação contribui para confirmar ou modificar. (MAIGUENEAU, 2016, p. 272).

Assim, o *ethos*, se retrata através de representações sociais que podem ou não ser positivas, dependendo daquilo que esteja sendo representado. No caso do cordel em pauta, a figura de Frei Damião, ganha, diante do leitor, uma imagem positiva, impregnada da cultura religiosa, dos problemas geofísicos (secas, escassez de água, etc) e sociais que habitam o mundo do leitor. Na verdade, o discurso enfatiza um sujeito enviado de Deus, capaz de fazer milagres, como se quisesse passar uma mensagem, uma palavra, uma construção enunciativa capaz de dar esperança ao sofrido povo do Nordeste e de outras regiões do país. Das estrofes IV até a IX Soares explicita um dos miraculosos atribuídos a figura do Frei Damiao. Ele apresenta esses feitos da seguinte forma:

> Na cidade de Bom Conselho
> curou uma professora
> da irmandade católica
> Maria Auxiliadora
> que tinha uma santa madre
> autorizada do padre
> como sua diretora
>
> Essa pobre professora
> sofria de um mal incurável
> desenganada dos médicos
> em condição deplorável
> da família abandonada

pelo povo desprezada
num estado detestável

No dia 7 do mês
o frade Frei Damião
apareceu na cidade
fazendo santa missão
e a professora em pranto
pediu ao padre santo
lhe ouvir uma confissão

Frei Damião aceitou
o pedido da cliente
notando que sua filha
estava muito doente
a professora coitada
a o padre ajoelhada
contou tudo em continente

O padre lhe perguntou
se acreditava na cruz
ela disse a cruz pra mim
é como o símbolo da luz
erigida na capela
frei Damião disse a ela
pois tenha fé em Jesus

Ela contou os pecados
foi pra casa descansada
passou a noite dormindo
não sentiu dores nem nada
dez horas ela deitou-se
pela manhã levantou-se
radicalmente curada. (SOARES, 1981, p. 2-3)

Soares (1981) apresenta um dos milagres atribuídos ao Frei Damião; a cura de uma professora que tinha uma doença incurável. No decorrer das estrofes são colocadas situações, do ponto de vista poético e imagético, sobre a aproximação da professora com o frade. Esse detalhamento exposto no cordel

possibilita o leitor a criar uma imagem de como se deu esse fato extraordinário. Temos aí, uma cenografia, parte da cena é o confessionário que indica o arrependimento daquela, diante do frei que lhe ouvira a confissão, arrepende-se e implora o seu perdão e cura. A outra parte, é sua casa que indicando assim o regresso e ao *locus* que talvez lhe angustiava e a cura após o sono. Não após o descanso, pois a mesma já chegou em casa em estado de cura e paz. Essa cenografia valida a fama do Frei e a fé da mulher que sofria de uma doença.

Partindo dessa linha de pensamento é possível citar Maingueneau (2008, p. 65):

> De fato, a incorporação do leitor ultrapassa a simples identificação a uma personagem fiadora. Ela implica um *"mundo ético"* do qual o fiador é parte pregnante e ao qual ele dá acesso. Esse "mundo ético", ativado por meio da leitura é um estereótipo cultural que subsume determinado número de situações estereotípicas associadas a comportamentos [...]. (MAIGUENEAU, 2008, p. 65).

Nesse sentido, Maingueneau lembra que o leitor é encaminhado pela dinâmica interna do texto, a se colocar no papel de um personagem e, desse modo, consiga imaginar-se vivenciando os acontecimentos narrados nele. Em grande medida, a figura do Frei Damião é vista, tanto no universo poético do cordel como em setores da cultura popular brasileira, como um religioso praticante de milagres, devido ao processo de incorporação. Isso acontece pela forma como texto poético é organizado, pois a força resultante da relação entre estrutura poética-textual, a relação entre texto e oralidade e o mundo social fazem com que o leitor e/ou o ouvinte do texto, mergulhe no imaginário produzido pelo texto. É preciso lembrar que grande parte do público da literatura de cordel apenas *ouve/escuta* a declamação dos poemas –Com isso, independente dos fatos reais que circundam a vida do sacerdote Frei Damião, o personagem, a figura literária Frei Damião passa a ter uma imagem de santo

milagreiro, de missionário que faz curas e fatos extraordinários, construída pelo discurso no cordel.

Na sequência, Soares nas estrofes XV, XVI e XX ressalta a santidade atribuída a Frei Damião pelos fiéis cristãos:

> Toda vida comparei
> frei Damião de Bozano
> com Padre Cícero Romão
> e o Papa do Vaticano
> segundo o que tenho visto
> frei Damião é ministro
> do nosso Deus soberano
>
> Frei Damião é velhinho
> chega já anda corcundo
> mais pode fazer milagre
> em menos de um segundo
> pois é um santo ministro
> imitando Jesus Cristo
> quando andava pelo mundo
>
> [...]
>
> Se frei Damião morrer
> Entra direto no ceu
> Para mim ele é um santo
> Jamais poderá ser réu
> Frei Damião e simbólico
> Eu como sou apostólico
> A ele tiro o chapéu. (SOARES, 1981, p. 5-7).

Essa cenografia permite que a medida que os valores do Frei em comparação a outras figuras, há uma precisão temporal que dá ao enunciador uma condição de notoriedade ao Frei Capuchinho e de sua vida miraculosa. Podemos dizer que há um simbolismo religioso na própria figura de seu agir, que é percebido pelo cordelista e pelo povo.

O fragmento do Cordel possibilita a construção de um *ethos*, no qual Frei Damião tem a imagem, a imagética de um

homem santo, com uma vida de piedade e de dedicação aos fiéis. Uma das técnicas utilizadas nessas estrofes é colocar a imagem de Frei Damião junto, de forma correspondente, à outra figura relevante e mística da literatura de cordel; o Padre Cícero Romão. Outra técnica, do ponto de vista da construção de um *ethos*, é comparar a figura do Frei Damião com o papa, ou seja, o líder espiritual da Igreja Católica. Assim, atribui-se ao Frei Damião uma autoridade espiritual, mística, ética e, até mesmo humanística universal.

Com isso, Frei Damião não é apenas um missionário que fez pregações no nordeste do Brasil, um imitador de Jesus Cristo, mas um portador de um discurso universal, que parte do nordeste brasileiro. O destinatário do seu discurso não está circunscrito a essa região do país. Trata-se de um discurso voltado para o mundo, para as fronteiras fora do Brasil. Na XX estrofe Soares (1981) fortalece esse *ethos* de santidade, de discurso universal atribuído a figura do Frei Damião, pois devido aos serviços ético-religiosos prestados a humanidade ele já teria um lugar assegurado no paraíso bíblico.

No sentido de reforçar esse raciocínio, recorremos a Maingueneau, quando afirma:

> Há assim uma circularidade constitutiva entre a imagem que ele dá de sua própria instauração e a validação retrospectiva de certa configuração da comunicação, da repartição de sua autoridade, do exercício do poder que ele cauciona, denuncia ou promove por seu gesto instaurador. (MAIGUENEAU, 2008, p. 54).

A partir desse raciocínio, compreendemos que nas estrofes apresentadas, existe uma relação, mesmo que precária, entre o sujeito histórico Frei Damião – de fato ele existiu, era um sacerdote, pregava missões cristãs nas cidades do interior do nordeste brasileiro, e a representação sócio religiosa e poético-imaginária construída pelo texto. O texto apresenta um personagem, uma figura poética identificada com o nome de Frei

Damião, que possui algumas características históricas desse sujeito. Contudo, além dessas características, apresenta uma construção imagética que coloca essa figura literária junto dos grandes nomes da cristandade, dos grandes vultos da história da humanidade, que atribui a essa figura um *ethos* de um discurso universal e humanístico.

Já no cordel, cujo título é *Frei Damião: o último santo do sertão*, Silva (1997) também faz referência a figura do Frei Damião. Para melhor esclarecimento deve-se citar, por exemplo, as estrofes VII e XIV do poema:

> Frei Damião de Bozzano
> (perdão pelo desatino)
> São Damião Brasileiro
> São Damião Nordestino
> a quem milhões de devotos
> entregarão seu destino.
>
> [...]
>
> Seguem os missionários
> seus luminosos destinos
> reverenciados como
> santificados, divinos
> na alma das multidões,
> nos corações nordestinos. (SILVA, 1997, p. 2-4).

Nas estrofes apresentadas, o poeta manejar as palavras com acerto, relacionando o nome do sacerdote católico, ou seja, Damião de Bozzano, com o creme masculino, geralmente utilizado para se barbear, *Bozzano*. Com isso, cria-se um trocadilho entre o "Bozzano" do Frei Damião e o "Bozzano" do creme de barbear. Por isso, o poeta pede "perdão pelo desatino" dos versos poéticos. Além disso, o poeta compara a figura do Frei Damião, relacionada a um famoso missionário que fez pregações no nordeste do Brasil, com São Damião um monge que viveu na

Síria e que é um dos grandes pregadores e santos do monasticismo cristão.

Nesse sentido, o poema constrói uma indicação, uma espécie de proposta indireta, para que o Brasil, país que até o final do século XX não tinha um santo proclamado, de forma oficial, pela Igreja, aclamasse o Frei Damião como o santo brasileiro, como uma espécie de São Damião do Brasil. É preciso observar que a insistência de Silva (1997) em apresentar a figura do Frei Damião como um santo, muito provavelmente a versão brasileira de São Damião, é uma técnica de construção do *ethos* muito presente na literatura de cordel. Em muitos aspectos, o cordel faz uma identificação entre o sofrimento presente na história da vida dos santos e o sofrimento vivido pelo cidadão. Sobre a relação entre o cordel, a vida dos santos e as angústias socioculturais vividas pelos cidadãos, especialmente os cidadãos do nordeste do Brasil, Cavignac (2006) ressalta:

> A humanidade e o sofrimento dos santos aparecem assim como elementos fundadores e organizadores do sistema de representação do mundo divino. [...] os santos chegam até a compreender e resolver os problemas dos homens, haja vista que conhecem o sofrimento. [...] eles se tornam interlocutores potenciais. Isso explica porque os sertanejos insistem mais no poder dos santos [...] poder adquirido em consequência de um sofrimento físico ou moral (CAVIGNAC, 2006, p. 207).

De acordo com Cavignac (2006) um sujeito não se santifica à toa, para que isso ocorra, é necessário que haja motivos maiores, fatores contribuintes, como os sofrimentos físicos, os problemas econômicos e as angústias socioculturais. Esse tipo de construção discursiva-textual encontra-se no cordel de Silva (1997), pois seu discurso indica uma identificação entre o personagem Frei Damião, a vida dos santos e os diversos níveis sofrimento enfrentados pelo cidadão.

Desse modo, na construção desse *ethos,* existe a articulação de certas características e, por essa razão, é importante que a relação entre o texto/orador possa ter uma noção de conhecimento sobre o seu público (leitor e/ou comunidade da oralidade), para que possa haver algum grau de adequação às diferentes circunstâncias que lhe serão proporcionadas, acarretando em uma identidade interligada ao público. Sobre essa questão, Maingueneau esclarece:

> O *ethos* constitui, assim, um articulador de grande polivalência [...] a qualidade do *ethos* remete a um fiador que, através desse *ethos,* proporciona a si mesmo uma identidade em correlação direta com o mundo que lhe cabe fazer surgir [...] o fiador que sustenta a enunciação deve a legitimar por meio de seu próprio enunciado seu modo de dizer. (MAIGUENEAU, 2016, p. 278).

Nessa perspectiva, o *ethos* deve, de um lado, está relacionado, de alguma forma, ao público leitor/oralidade. Um *ethos* totalmente desvinculado com esse público não terá condições de construir pontes de identificação, entendimento e interpretação. Se a literatura de cordel é muito viva e presente no Brasil, principalmente, no nordeste brasileiro, é, em grande medida, devido ao caráter de *ethos* de identificação entre o público e o texto. Do outro lado, o *ethos* deve ser capaz de edificar uma articulação entre o texto e o mundo vivido, entre a estrutura poética-imaginária e a vida real. Um exemplo de como o *ethos* deve estabelecer essas duas dimensões consta de Silva (1997). De um lado, Silva (1997) constrói uma estrutura poética ligada diretamente ao público leitor/oralidade, principalmente, ao público consumidor de poesia popular no interior do Brasil e, do outro lado, ele consegue articular a estrutura textual-poética com a realidade social, religiosa e cultural de amplos setores do interior brasileiro.

Seguindo nossa análise, passemos a outro cordel: *Frei Damião: o missionário do Nordeste*, de Cavalcante (1976). As estrofes V e IX apresentam a figura do Frei Damião da seguinte forma:

> Trata-se de Frei Damião
> De porte simples, sereno
> Com uma batina velha,
> De estrutura: pequeno,
> Pelas cidades pregando
> Ao povo anunciando
> Como Jesus Nazareno.
>
> [...]
>
> Na cidade que ele chega
> É formada a romaria
> Por milhares de fiéis
> Que o próprio povo anuncia.
> Vale a pena a pregação
> Do frade Frei Damião
> Que fala sem hipocrisia. (CAVALCANTE, 1976, p. 2-3).

Como é possível perceber, as estrofes ilustram o *ethos* da figura do Frei Damião como um pregador humilde, que fala a verdade, distante dos interesses egoístas existentes na vida cotidiana. Nesse fragmento existe um *ethos* de identificação, quase de semelhança. De um lado, o nordeste brasileiro é aproximado, do ponto de vista imagético, com o deserto da antiga Palestina, região onde viveu e pregou Jesus Cristo. Assim como a Palestina, o nordeste brasileiro é uma região (semi) desértica, pobre, com um povo explorado e que espera a redenção por meio da vinda do messias.

Do outro lado, existe a identificação com o carisma de Jesus Cristo, um líder messiânico palestino, que atraia multidões para suas pregações. Nesse contexto, a figura do Frei Damião é apresentada como um líder religioso cristão que, assim como Jesus Cristo, vive em um (semi) deserto, uma região pobre, explorada e que suas pregações atraem multidões de curiosos e de pessoas que

desejam, de forma sincera, a redenção dos problemas individuais e sociais.

Nesse sentido, a identificação de um *ethos* discursivo, entre a figura do Frei Damião e a vida austera do deserto palestino, entre Frei Damião e a disciplina religiosa dos profetas bíblicos é apresentada por Costa (1998) da seguinte forma:

> Para o povo, Frei Damião foi milagroso, e para muitos outros foi um milagreiro. Quando estava em plena atividade missionária pelas cidades nordestinas, ia dormir tarde da noite e deitava-se no chão, acordando-se às quatro horas da manhã para confessar o povo. Alimentava-se pouco [...] um símbolo do seu próprio sofrimento. (COSTA, 1998, p. 25).

A partir de Costa (1998) deve-se perceber que, de um lado, existe um *ethos* que articula o personagem Frei Damião, presente na literatura de cordel, e a realidade do nordeste brasileiro. Uma realidade, muitas vezes, marcada por secas, problemas sociais e crises econômicas. Do outro lado, assim como na antiga Palestina, a esperança para superar esse quadro de problemas e conflitos sociais não vem de um discurso político, do direito ou de alguma instância da racionalidade. Pelo contrário, uma possível solução é vislumbrada no discurso religioso, místico, poético e imagético. O discurso proferido pelo cordel nos leva a entender que a esperança não vem da razão ou da política, mas sim da poesia e da vida religiosa.

Sobre algumas características do *ethos*, que podem ser aplicadas a figura do Frei Damião, presente na literatura de cordel, Maingueneau ressalta:

> - o *ethos* é uma noção *discursiva*; é construído por meio do discurso, em vez de ser uma "imagem" do locutor exterior á fala;
> - o *ethos* está intrinsecamente ligado a um processo *interativo* de influência sobre o outro;

> - o *ethos* é uma noção intrinsecamente *híbrida* (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela mesma integrada a uma dada conjuntura sócio histórica. (MAIGUENEAU, 2016, p. 269).

As características, acima, apresentadas por Maingueneau (2016) podem ser encontradas no cordel de Cavalcante (1976) – e também de Silva (1997) e Soares (1981) – sobre a figura de Frei Damião. De um lado, trata-se de uma construção literária ligada a uma situação sócio histórica, ou seja, está vinculada a uma região geofísica (o nordeste do Brasil), a um contexto de problemas e conflitos socioculturais. Do outro lado, está ligada ao que Maingueneau classificou de noção hibrida do discurso, isto é, um discurso que é constituído e, ao mesmo tempo, oscila entre diferentes polos do discurso, como, por exemplo, o discurso literário, o discurso religioso, o discurso de crítica social e o discurso da esperança ética. Essa complexa combinação ajuda a construir o *ethos* de identificação entre o texto, o personagem – nesse caso a figura do Frei Damião – e o conjunto formado pelo leitor/comunidade de oralidade.

Conclusão

De forma geral, os cordéis utilizam de uma variedade de artifícios de linguagem para construir um *ethos* de identificação entre o texto e o conjunto formado pelo leitor/comunidade de oralidade. Nesse contexto, eles contribuem para que o sujeito, enquanto ser social, possa atribuir diferentes visões sobre o outro e sobre a realidade sócio histórica em que está envolvido.

O *ethos* de identificação dentro da literatura de cordel visa, de um lado, manter – não exatamente reproduzir – a estrutura poética-textual que foi estabelecida pelo texto, mas do outro lado, visa conduzir o conjunto formado pelo leitor/comunidade de oralidade a ir além da pura métrica poética e, com isso, mergulhar

esse conjunto na realidade sócio histórica. Uma realidade que, muitas vezes, está carregada de problemas e conflitos sociais.

Nesse sentido, a teoria desenvolvia por Maingueneau ajudou a refletir e a (re) posicionar a figura do Frei Damião presente na literatura de cordel. De um lado, essa figura possui um *ethos* de identificação entre o deserto da Palestina e o semiárido brasileiro, entre o carisma do pregador do nordeste do Brasil e a figura de Jesus Cristo no deserto da antiga Palestina. Do outro lado, existe o *ethos* de articulação entre a figura do Frei Damião e a geografia física do nordeste brasileiro, entre os problemas sociais e as esperanças do povo nordestino. A figura do frei Damião termina sendo um sofisticado articulador poético-linguístico, textual-histórico para os dramas e esperanças de muitas populações que vivem na zona rural do Nordeste e de outras regiões do país.

Por fim, lembramos que, num tempo em que a literatura de cordel foi reconhecida, como Patrimônio Cultural Brasileiro, um estudo sobre o *ethos* da figura do Frei Damião presente na literatura cordelística só reforça o caráter de identificação entre esse gênero literário e o povo brasileiro, bem como a necessidade de refletir sobre os estudos da linguagem que envolvam a construção do discurso. Tanto o cordel como a figura do Frei Damião são faces da poesia popular e de um *ethos* de identificação entre a literatura e a realidade nacional, entre o texto poético e as características mais profundas que constituem o povo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

AMOSSY, R. (Org.). ***La présentation de soi***. Paris: PUF, 2010.

AMOSSY, R. Ethos. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 220-221.

BENVENISTE, Émile.. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, São Paulo: Pontes. 1988.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, São Paulo: Pontes1989.

BORGES, J. F. **O verdadeiro aviso de Frei Damião**. In: BORGES, J. F. **Cordel de J. F. Borges**. São Paulo: Hedra, 2007, p. 11-103. (Coleção Biblioteca do Cordel).

BORGES, J. F. **Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade**. Bezerros: Ed do Autor, s/d. (Folheto de Cordel).

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

CAVALCANTE, R. C. **Frei Damião:** o Missionário do Nordeste. Salvador: Ed do Autor, 1976. (Folheto de Cordel).

CAVIGNAC, J. **A literatura de cordel no Nordeste do Brasil**. Natal: Edufrn, 2006.

COSTA, G. **A presença de Frei Damião na literatura de cordel**. Brasília: Thesaurus, 1998.

COUTINHO, E. **O grito popular do cordel: uma importante fonte da cultura popular em prosa e verso. Cultura**, Brasília, ano 8, n. 29, p. 101-107, abr./jun., 1978.

GOFFMAN, Erving. **The presentation of self in everyday life.** Garden City, NY, Doubleday. 1959.

IPHAN. **Literatura de cordel ganha título de Patrimônio Cultural Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. ***L'énonciation de la subjectivité dans le langage***, Paris, Armand Colin, 1980, p. 162-167

MAINGUENEAU, D. **A propósito do *ethos***. In: MOTTA, R. A.; SALGADO, L. (Coord.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008b, p. 11-29.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008a.

MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2016.

MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso.** 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MAZIÈRE, F. **Análise do discurso:** história e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MOTA, F. F. **Homenagem a Frei Damião:** o santo do Nordeste. Natal: Edufrn, 1980. (Folheto de Cordel).

POTIER, R. W. **O sertão virou verso, o verso virou sertão:** sertão e sertanejos representados e ressignificados pela literatura de cordel. Natal: Edufrn, 2012.

QUELQUEJEU, B. Éthos historiques et nomes étiques. In: LAURET, B.; REFOULÉ F. **Initiation à la pratique de la théologúe**. Tomo IV: Étique. Paris: Cert, 1983.

SILVA, G. F. **Frei Damião:** o último santo do sertão 1898-1997. [S.l.]: Gonçalo Ferreira Studio Gráfico e Editora, 1997. Disponível em: http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/browse?type=title&sort_by=1&order=ASC&rpp=20&etal=-1&null=&offset=2600>. Acesso em:16 de agosto de 2018.

SOARES, J. F. **Os Milagres de Frei Damião**. João Pessoa, 1981. Disponível em:<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=27333>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2018.